

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO**

**CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO**

**DEPARTAMENTO DE LETRAS**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II**

**MONOGRAFIA**

**ABREU E LIMA: UM HERÓI ENTRE A HISTÓRIA E A FICÇÃO**

**TATIANE MARIA BARBOSA DE OLIVEIRA**

**RECIFE, 19 DE FEVEREIRO DE 2015.**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO**

**CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO**

**DEPARTAMENTO DE LETRAS**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II**

**ABREU E LIMA: UM HERÓI ENTRE A HISTÓRIA E A FICÇÃO**

**TATIANE MARIA BARBOSA DE OLIVEIRA**

**Monografia a ser apresentada à disciplina “Trabalho de Conclusão de Curso II”, da Universidade Federal de Pernambuco, desenvolvida sob a orientação do Prof. Dr. Juan Pablo Martín Rodrigues.**

**RECIFE, 19 DE FEVEREIRO DE 2015.**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO**

**CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO**

**DEPARTAMENTO DE LETRAS**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II**

**FICHA CATALOGRÁFICA**

**OLIVEIRA, Tatiane Maria Barbosa de.**

**Abreu e Lima: um herói entre a história e a ficção.**

**V. I. 50 f.**

**Orientador: Juan Pablo Martín Rodrigues.**

**Coordenadora da Disciplina “Trabalho de Conclusão de Curso II”: Ana Lima.**

**Dissertação (Monografia de curso), UFPE, Disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II. Universidade Federal de Pernambuco.**

**1. Literatura. 2. História. 3. Herói. 4. Abreu e Lima.**

**I. Juan Pablo Martín Rodrigues.**

**II. Universidade Federal de Pernambuco.**

**III. Abreu e Lima: um herói entre a história e a ficção.**

**RECIFE, 19 DE FEVEREIRO DE 2015.**

## **DEDICATÓRIA**

Aos meus pais e irmãos, a fortaleza que sempre ergueu meus caminhos na área de Letras.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por ter permitido meus estudos e formação na área de Letras, com ênfase em Literatura. Aos meus pais e irmãos, pela dedicação e carinho na minha vida pessoal e acadêmica. Ao Prof. Dr. Juan Pablo Martín Rodrigues, quem me apresentou ao General Abreu e Lima, por suas orientações, e pela contribuição nas pesquisas sobre ele. Ao grupo de investigações da UFPE, do CNPq, “Libertadores da América: Abreu e Lima e a pós-colonialidade latino-americana” – do qual faço parte –, pela colaboração nas pesquisas e por ter proporcionado sucintas reflexões. Aos professores e amigos da UFPE, que ao saberem das pesquisas ajudaram-me de alguma maneira no meu crescimento. Ao jornalista Paulo Santos de Oliveira, pelas conversas, e por ter me presenteado com seus romances, sendo um deles parte de meu *corpus*. À CAPES pela bolsa do PIBIC, e aos diversos recintos públicos do Estado, como a FUNDAJ, o IAHG e o APEJE, por ter permitido que minhas pesquisas se desenvolvessem. Ao Instituto Abreu e Lima – do qual sou membro pesquisadora –, pela página na internet, que constitui o maior acervo sobre o General, e em especial ao Dr. Ephren Abreu e Lima e ao Prof. Dr. Fellipe de Andrade Abreu e Lima, este a quem agradeço pela rara peça de Januário da Cunha, e que contribuíram imensamente no meu trabalho de pesquisadora. Ao Prof. Dr. Alfredo Adolfo Cordiviola, por suas observações como arguidor deste trabalho.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO**

**CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO**

**DEPARTAMENTO DE LETRAS**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II**

## **ÍNDICE**

<b>Abreu e Lima: um personagem na literatura.....</b>	<b>9 a 12.</b>
<b>A criação de um herói.....</b>	<b>13 a 18.</b>
<b>História e Ficção: o nascimento do “General das Massas”.....</b>	<b>19 a 27.</b>
<b>A Epopeia de Paulo Santos: a volta do “General das Massas”.....</b>	<b>28 a 40.</b>
<b>Reconhecimento ao Herói Nacional.....</b>	<b>41 a 42.</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>43 a 46.</b>

## RESUMO

Esta Monografia de apreciação final de curso nos estudos sobre história e literatura da América Latina pós-colonial tem como objetivo principal resgatar a memória de José Inácio de Abreu e Lima (1794- 1869). Para isso, foi feita uma análise comparativa das biografias escritas por Chacon (1983), Pinto (1983), Mazin e Stedile (2006), Costa (1982) e Abreu e Lima (1868), que contribuíram ao conhecimento deste personagem/pessoa Abreu e Lima no passado, como também serviram de base para o estudo das duas produções abordadas, em que Abreu e Lima aparece como personagem/ficção: *A Rusga da Praia Grande ou o Quixotismo do General das Massas* (1834) e *O General das Massas: a epopeia do brasileiro Libertador das Américas* (2012). Entre os resultados obtidos com a pesquisa destaca-se o desenvolvimento de uma visão crítica sobre a construção do herói Abreu e Lima nas obras analisadas, comparando as produções de vários teóricos, visto que este pernambucano ainda continua sem o devido reconhecimento histórico por sua pátria. Outro resultado seria a delimitação do pensamento que sobre literatura tem Abreu e Lima, formulado no seu *Bosquejo histórico, político e literário do Brasil ou analyse critica do projecto do Dr. A. F. França* (1835), dentre os primórdios da literatura brasileira da Independência e Romantismo, pois ele foi objeto e sujeito das Letras, protagonista e autor de produções ainda pouco trabalhadas na Academia.

**Palavras Chave:** Literatura; História; Herói; Abreu e Lima.

**Ninguém morre enquanto permanece vivo no coração de alguém.**

**São Paulo**

## ABREU E LIMA: UM PERSONAGEM NA LITERATURA

Este trabalho trata-se de uma Monografia para apreciação do curso do Bacharelado em Letras com ênfase nos Estudos Literários. A pesquisa tem como mola propulsora empreender o resgate da memória do General-escritor José Inácio de Abreu e Lima (1794-1869), o brasileiro que esteve ao lado de Simón Bolívar (1783-1830) nas batalhas pela libertação da América Latina, visto que o mesmo não tem ainda o devido reconhecimento por sua pátria. Ainda há a carência de um estudo crítico de sua obra, incluindo diversas abordagens (Ecologia, Literatura, História, Socialismo, Religião, etc.), havendo poucos trabalhos nestas áreas sobre o General.

Com relação à criação literária de autores que trazem Abreu e Lima como personagem de ficção há pelo menos cinco produções [*A Rusga da Praia Grande, ou o Quixotismo do General das Massas* (1834); *Olhos Negros* (2010); *Sangue Latino- um Herói Continental- vida e trajetória de Abreu e Lima* (2008); *O mui desassossegado senhor general* (2010) e *O General das Massas: a epopeia do brasileiro libertador das Américas* (2012)], dois poemas de títulos “General Abreu e Lima” (*In: Sonetos da Experiência*) e “Abreu e Lima” (*In: A Escola das Facas*, 1980), de César Leal e de João Cabral de Melo Neto, respectivamente, e a carência de trabalhos mais aprofundado destes.

Foi por esta razão, e pela curiosidade de entender melhor como um escritor passou o herói Abreu e Lima do histórico para o ficcional, que decidi trabalhar com o romance *O General das Massas: a epopeia do brasileiro libertador das Américas* – melhor obra de ficção de 2012/2014, Prêmio Vânia Souto Carvalho, da Academia Pernambucana de Letras– escrito pelo jornalista Paulo Santos de Oliveira, adotando como objetivo principal analisar como se dá a construção do herói pernambucano, abordagem que está no capítulo “A Epopeia de Paulo Santos: a volta do *General das Massas*”. Antes mesmo de adentrar na análise do romance, no capítulo “História e Ficção: o nascimento do *General das Massas*” há um destaque para *A Rusga da Praia Grande, ou o Quixotismo do General das Massas*, mostrando como Januário da Cunha insere Abreu e Lima numa obra literária pela primeira vez.

Falar do herói Abreu e Lima, antes de tudo, é saber quem foi este General. Para conhecer melhor sua vida e obra foi utilizado como principal arcabouço teórico o livro *Abreu e Lima: General de Bolívar* (1983), de Vamireh Chacon, merecendo destaque como a mais completa

abordagem dentre os estudos sobre Abreu e Lima, e que também contribuiu como base para relacionar o cunho histórico trabalhado por Paulo Santos em seu romance.

A compreensão do contexto histórico constituiu-se em uma atividade bastante enriquecedora para conhecer, situar e compreender a importância de Abreu e Lima e Simón Bolívar, os dois libertadores que foram trabalhados, no seio da América Latina. Estas duas figuras participaram como agentes do sonho libertário da Independência do domínio espanhol na América. Pode-se dizer que foi um período que ficou marcado por seus prós e contras.

Se de um lado viviam a euforia da Independência, da obtenção do controle nas estruturas políticas, sociais, econômicas, da abertura do comércio para exportações, do outro lado tentavam reconstruir estas nações que ficaram não só destruídas por decorrência das diversas batalhas travadas, mas que também foram marcadas moralmente por não terem desistido do seu mais belo ideal: serem livres.

Para entender as origens da Independência Espanhola foi necessário lançar luz para a mãe-pátria, debruçando-se em uma raridade na história moderna: uma Espanha subdesenvolvida dominava colônias que realizavam as mesmas atividades que ela, sendo que estas se diferiam, pois produziam metais preciosos. Não obstante, diante das condições encontradas, a Espanha buscou ajuda em várias escolas de pensamento: liberalismo econômico, mercantilismo, Ilustração. O objetivo dela era organizar uma reforma agrária, e conseguir reestabelecer as estruturas que já estavam fincadas (BETHELL, 2004).

Depois da Revolução Industrial, com o crescimento comercial surpreendente da Inglaterra, mais que a importância da exportação para demais países, ela priorizava o comércio e a expansão com quem mantinha o domínio da prata: a América Espanhola. Então, diante dos objetivos ingleses, os governantes dos *Bourbon* tiveram de atacar diretamente estes grupos que se concentravam na América, modificando a administração, a estrutura, interferindo no social daquele povo.

Quando as batalhas em prol da libertação destas colônias espanholas começaram, Simón Bolívar tinha um objetivo para alcançar: expulsar os colonialistas e estabelecer a República Sul-Americana, a chamada Grã-Colômbia. Depois das batalhas de *Boyacá*, *Carabobo*, *Puerto Cabello* e finalmente *Ayacucho*, quando o estandarte real espanhol simbolizava o fim do seu

domínio naquelas terras, foi criada a Grã-Colômbia, formada pelos antigos territórios de Nova Granada, a capitania geral da Venezuela, a Real audiência de Quito, a parte norte do Peru e o sul da atual Costa Rica. No entanto, o desejo de manter unida e fraterna esta República era uma missão bastante complexa, marcada por diversas intempéries, disputas entre partidos, e países que aos poucos deixavam aquela união para se tornarem independentes, como foi o caso de Venezuela e de Equador, em 1830 (CHACON, 1983).

Abreu e Lima foi o brasileiro que teve a oportunidade de presenciar e participar de todos estes eventos que culminaram na criação e no fim do sonho de Bolívar. Quando paramos para analisar o personagem literário, com base na perspectiva de olhar para o herói, para definir o conceito utilizei como base os estudos de Kothe (*O herói*; 1987) e Frye (*Anatomia da Crítica*; 1957), e para entender a construção do personagem usei *A personagem de ficção* (2007), especificamente o ensaio de Candido. Alargado o conhecimento sobre o herói, abordei os estudos sobre o romance, elucidando também, rapidamente, os elementos constitutivos da narrativa, como o narrador, o espaço, os personagens, que fio a fio uniram-se para compor a história de Abreu e Lima nesta obra.

O desenvolvimento do presente trabalho estendeu-se sob a proposta de abrir novos horizontes de estudos sobre o General-escritor Abreu e Lima, verificando como o herói literário foi criado por Paulo Santos (2012) no romance publicado numa época plenamente pós-moderna, e que termina por levar o leitor a mergulhar no tempo e voltar a um século em que o Brasil viveu os primeiros impulsos da constituição de uma identidade literária assinalados pelas bases da estética romântica.

Se a narrativa de um romance nos permite olhar para o passado e entender aspectos do social, do estético, também é possível estabelecer no tempo o entrecruzamento da história e da ficção a partir dos empréstimos que uma faz da outra (RICOEUR, 1997). Trabalhando com história e ficção, chegamos à conclusão de que o romance de Paulo Santos procura ser fiel à realidade, trazendo datas, locais e personagens que participaram da verdadeira Epopeia pela América. Quanto à matéria do amor, este foi o ponto em que mais o autor usou a imaginação para falar de Abreu e Lima, pois ainda não temos mais informações fidedignas a cerca da vida amorosa do General.

Com relação à construção do herói, foi observado, que mesmo num romance publicado em 2012, Abreu e Lima aparece como típico personagem do século XIX, não só um romântico apaixonado, mas também um bravo guerreiro e um cidadão que luta e sente saudades de sua Pátria. E quando falamos em Pátria, podemos dizer que Abreu e Lima vestiu a face de um Herói Nacional, que procurou representar não só uma Nação, mais defendeu e ergueu a bandeira de várias Nações que constituíam a Grã-Colômbia, sem deixar jamais de ser brasileiro. É no capítulo seguinte em que abordamos, primeiramente, o contexto literário do Romantismo brasileiro, e a inclusão de Abreu e Lima na época, pincelando uma pequena biografia do mesmo e destacando seu papel nas Letras.

## A CRIAÇÃO DE UM HERÓI

Para entendermos o contexto cultural do Brasil é preciso antes desdobrar o período de ação revolucionária e de Independência. O momento de transição de colônia para um Império independente, e no caso da América Latina, para Repúblicas independentes, alterou a concepção de arte, que passou do Neoclassicismo para o Romantismo. No entanto, esse novo estilo estético perdurou com maior ímpeto na literatura, visto que as outras artes ainda recebiam os traços do Neoclassicismo (BETHEL, 2004, p. 829).

Quando tentamos definir o que foi o Romantismo no Brasil, partimos da premissa de que o próprio termo alude a uma definição vaga, e como podemos falar de uma expressão genuinamente Nacional se o nome Romantismo já é um empréstimo europeu? Se a expressão literária esteve estritamente ligada ao histórico, muitos dos homens que participaram ativamente da história também escreviam naquela época. Para o crítico Luis Alberto Sánchez, Simón Bolívar foi um desses homens, que impulsionou para que o Romantismo alavancasse (BETHEL, 2004, p.831).

Por outro lado, tivemos poucas obras que trabalharam a Independência em sua essência, uma delas foi *La vida de Junín. Canto a Bolívar*. (1825), de José Joaquim Olmedo (é válido ressaltar que esta obra é abordada no romance de Paulo Santos). Era preciso, antes de trabalhar com a Independência, tratar a América, o nativismo, buscar imagens emblemáticas para representar o Nacional. Nesse ponto, o Brasil foi um caso particular, pois conseguiu apropriar-se melhor do conceito de identidade literária.

Ao passo que constituía sua própria identidade, o Brasil manifestava todos os traços do movimento europeu. Como no processo de independência houve pouco heroísmo, o Romantismo em solo brasileiro foi menos dramático e menos torturador, desenvolvendo-se mais como sentimentalista. Deve-se aos *Suspiros Poéticos e Saudades* (1836), de José Gonçalves de Magalhães (1811-1882), o pontapé inicial do Romantismo Brasileiro. Ao lado de Gonçalves Dias e Porto Alegre, estes três nomes foram os mais expressivos da chamada primeira geração romântica. Na geração seguinte, “a geração perdida”, que desenvolveu o Romantismo decadente e o “mal do século”, reúne-se em Álvares de Azevedo todo o furor de um Baudelaire e de um Byron (BETHEL, 2004, p. 851-852).

O terceiro momento do nosso Romantismo foi dono de poemas que tocavam nas feridas, na dor dos sofrendores, e teve Castro Alves como seu representante. Citados os principais nomes da poesia, a prosa ficou por conta de José de Alencar, que conseguiu com sua obra trabalhar com distintos tipos de Romances. Também não podemos esquecer-nos de dois escritores do período, José Bonifácio de Andrada e Silva (1763-1839), batalhador da Independência literária no Brasil, e Adolfo Varnhagen (1816-1878), um grande poeta representante da época (é necessário lembrar aqui que entre Varnhagen e o General houve uma polêmica a cerca da História do Brasil, visto que aquele teria condenado como plágio o *Compêndio* que escreveu Abreu e Lima).

De acordo com Bethel (2004), o Brasil também se diferenciou por ter desenvolvido um movimento de caráter regionalista, enquanto que no resto da América Latina foi mais americanizado. Quanto aos temas, a regionalidade esteve atrelada ao individualismo do homem, que reagiu contra o universalismo clássico, e ao mesmo tempo expressava o vazio, a solidão. Se de um lado, os escritores raramente retomavam as lembranças da luta pela Independência, por outro, promoviam mudanças nas atitudes dos temas.

Na Europa, o herói da narrativa romântica retomava a rica matéria medievalista e a figura do cavaleiro, fiel, corajoso, justo, ético. No Brasil, na falta do ideal medievalizado, o cavaleiro não existia, e os escritores inovaram ao trazer a imagem do índio à semelhança do nobre selvagem de Rousseau. Ainda assim, caíam na mediocridade de muitas vezes retratar o índio exterminado, e sob a hipótese de alegar que o índio vivo não era poético. O nosso índio tentava manter os traços do herói cavalheiresco, e aparecia como homem puro, que ainda não tinha sido corrompido pela sociedade (BETHELL, 2004).

Momentos inusitados também estiveram presentes no período romântico brasileiro. Quando as produções tratavam do Romantismo, determinadas obras saíam da tendência. Um caso destes foi a publicação da peça *A Rusga da Praia Grande, ou o Quixotismo do General das Massas* (1834), comédia em três atos e em prosa, em que Januário da Cunha parodiava o General Abreu e Lima. A história do General lembra-nos a do Cid Campeador pelo fato de ambos terem sido massas da vida real que se cristalizaram na ficção.

Enquanto o Cid foi personagem da canção de Gesta que inaugurava a Literatura Espanhola, Abreu e Lima, após ter lutado para libertar as colônias americanas do jugo espanhol,

na primeira incursão em que aparece como personagem de obra literária é sendo alvo dos ataques do Cônego Januário numa polêmica que será abordada em outro momento nessa pesquisa. Abreu e Lima, homem que esteve envolvido nas Guerras de Independência da América Hispânica conviveu com as diferentes facetas do herói.

José Inácio de Abreu e Lima nasceu a 6 de abril de 1794, no Engenho Casa Forte, em Pernambuco. Filho de uma família de boas condições, o jovem recebeu educação e estudo considerável, e formou-se em Capitão de Artilharia, na Real Academia Militar do Rio de Janeiro, em 1811. O grande herói de Abreu e Lima foi seu pai, o Padre Roma, José Inácio Ribeiro de Abreu e Lima (1768-1817), líder revolucionário de 1817, que foi fuzilado na presença dos filhos, acontecimento que marcou a vida do General (CHACON, 1983).

Em 1819, após enviar uma carta onde oferecia os serviços de Militar, Abreu e Lima vai para a Venezuela integrar o exército e o ideal de Simón Bolívar, participando de todas as batalhas ao lado do Libertador. Bolívar foi o outro herói de Abreu e Lima, do pernambucano que se tornou um distinto General, selou amizade verdadeira e esteve fiel até o momento da morte de seu ídolo. De volta ao Brasil, críticas e polêmicas, convergências e divergências contribuíram para traçar o perfil enigmático e complexo do General. Entre seus feitos, filiou-se ao partido Caramuru, apoiou a Monarquia e a Maioridade de D. Pedro II. Foi condenado como cabeça da Revolução Praieira de 1848, sem ter sido (*Diário de Pernambuco*, 25 de setembro de 1849, número 213). Preso, passou meses no presídio da Ilha de Fernando de Noronha.

No fim da vida ainda travou uma polêmica religiosa, mais tarde conhecida como “*O Bispo e o General*” (FILHO; PEREIRA, 1973). Por defender a liberdade religiosa, e por não ter aceitado se redimir diante do Bispo, que lhe visitou em sua casa, ao morrer Abreu e Lima teve a sepultura em solo brasileiro negada pelo Bispo Cardoso Aires. A família comprou uma sepultura no Cemitério dos Ingleses, no bairro de Santo Amaro, onde ele está enterrado.

Abreu e Lima foi professor de matemática, militar, maçom, mas é o seu papel nas Letras que merece ser destacado aqui. Era autodidata e utilizava-se do meio prático, e através de seus textos respondia as suas inquietudes. Como homem a frente de seu tempo, ele foi pioneiro em diferentes áreas. Começou a escrever ainda na Venezuela, redigindo boletins e matérias para o periódico *Correo del Orinoco* (MAZIN E STEDILE, 2006, p. 31). Quando Bolívar foi acusado

de Ditador pela Europa, foi Abreu e Lima quem escreveu sua defesa, reunidos no *Resumen histórico de la última dictadura del Libertador Simón Bolívar, comprobada com documentos* (dispersa em panfletos entre 1828 e 1830).

O período em que esteve preso em Noronha foi fértil de observações. Escreveu os *Apontamentos sobre a Ilha de Fernando de Noronha* (1857), destacando-se como pioneiro da ecologia prática, estudos que depois foram continuados por Gilberto Freyre (CHACON, 1983, p. 13). Também é do General *O Socialismo* (1855), a primeira obra da América a tratar este tema. Quando a história do Brasil estava sendo contada por estrangeiros, Abreu e Lima escreveu o seu *Compêndio da História do Brasil* (1843) e a sua *Sinopse ou Dedução Cronológica dos fatos mais notáveis da História do Brasil* (1845), livros que contribuíram no ensino de História do Brasil, e eram usados nas escolas do Império.

Já o contexto do Período Regencial marcado pelos entraves na Câmara dos Deputados serviu de matéria-prima para as impressões de Abreu e Lima a cerca do seu interesse pelos projetos dos deputados Antônio Ferreira da França e Estevão Rafael de Carvalho. Assim, posteriormente, escreveu sobre os dois projetos procurando, sobretudo, demonstrar a impossibilidade de um Brasil Republicano. Ao fazer uso da linguagem escrita desde a esfera do poder político, Abreu e Lima insere o *Bosquejo Histórico Político e Literário do Brasil* (1835) em um importante e conturbado período da história brasileira, momento em que se discutia a centralização do poder e o grau de autonomia das províncias.

No capítulo do *Bosquejo* denominado “*Nosso estado intelectual: conclusão*” trata-se mais a fundo as questões literárias e a causa do atraso intelectual do Brasil. Para o General, a literatura produzida pelos Portugueses não trazia em seus escritos grandes contribuições para que houvesse um avanço intelectual, tanto para Portugal como para o Brasil, já que para ele, “O momento do saber dos Portugueses está todo fundado nas Memórias da Academia Real das Ciências” (ABREU E LIMA, 1835, p.69).

Ainda segundo Abreu e Lima, o Brasil apresentava algumas criações literárias de José Bonifácio e de Visconde de Cayrú, entretanto seus escritos não representavam grandes produções. Para Abreu e Lima, o trabalho mais relevante da época era o *Dicionário Clássico da Língua Portuguesa*, de Antonio Moraes Silva, destacando também o *Caramuru, O Urugay*, a

*Marília de Dirceu*. A falta de uma literatura estava associada à carência de uma doutrina própria, visto que Abreu e Lima compreendia a literatura como “o corpo de doutrinas que professava uma Nação” (ABREU E LIMA, 1835, p.71).

Com relação à formação da Literatura, ele aparece entre os nomes da Historiografia Brasileira, contribuindo tanto na parte crítica como na da ficção. Souza (2014) divide os textos fundadores da Literatura do período correspondente entre os anos de 1825 a 1888 em sete categorias. Para ele, e partindo dessas categorias, Abreu e Lima estaria enquadrado em duas: na segunda categoria, dos “ensaios que contem verdadeiras declarações de princípios para a Instituição de uma Literatura Brasileira autêntica e emancipada, que em alguns casos se conjugam a projetos para a elaboração de sua história ou a sínteses historiográficas do seu desenvolvimento” (SOUZA, 2014, p. 18), por seu texto “*Para a regeneração Intelectual do Brasil*” (capítulo do livro de SOUZA, 2014) e na terceira categoria, dos “ensaios que se apresentam como síntese histórica da literatura brasileira, envolvendo o seu conjunto ou cingindo-se a um gênero específico” (SOUZA, 2014, p. 18), por seu texto “*Do Atraso Intelectual do Brasil*” (capítulo do livro de SOUZA, 2014).

Além de escritor, polemista e crítico, o General foi também jornalista. Contribuiu no *Diário de Pernambuco*, *Diário Novo* e *Correo del Orinoco*. Teve também seus próprios jornais, a *Barca de São Pedro* (1848) e a *Arca de Noé* (1833), e publicou o *La Torre de Babel* (1833) em *Cartagena*, logo depois do *Resumen Histórico*. Com tamanha atuação nas Letras, é no Campo histórico, político e social que ele se tornou herói: de uma nação, de uma continente? Das massas. Nos países da América Latina, é na Venezuela em que ele é considerado grande mártir, e seu nome aparece como o primeiro General estrangeiro da lista dos heróis que proclamaram a Independência daquele país. Ponte Cultural na América Latina, no Brasil o General ainda não tem o devido reconhecimento.

Na terra natal, seu nome passou a ser lembrado desde que o ex-presidente da Venezuela, Hugo Chávez (1954-2013) estabeleceu parceria entre os dois países. No Município de Abreu e Lima (antes Município Maricota, e a própria Maria Carlota era parente do General) foi inaugurado por Chávez um Monumento de aliança entre Brasil e Venezuela, na Praça São José, com bustos de Bolívar e Abreu e Lima. A Refinaria Nordeste, que também recebeu o apoio de

Chávez, recebeu o nome do General, sendo mais conhecida como “*Refinaria Abreu e Lima*” do que pelo seu primeiro nome.

Assim, Abreu e Lima aparece ocupando nomes de ruas, Praça, Monumentos, mas é preciso uma tomada de consciência por parte do povo brasileiro, um mergulho na história da formação do país, e por quê não, de Pernambuco, o estado que mais teve revoluções, e de onde saiu grandes heróis e líderes. O General que nem mesmo teve o direito ao descanso em paz, ainda precisa que sua pátria abra os braços para acolher o herói.

Sabemos que em nosso tempo o sentido de herói se perdeu, ora por não conseguirmos classificá-lo, ora por não mais existir heróis como antigamente, e até podemos considerar que cada um de nós é um herói tentando lutar contra o seu meio, contra tantas mazelas e a vida é minúscula diante do mundo globalizado. Se não temos mais como captar a concepção de herói, também é difícil conhecer e valorizar os heróis que fizeram história. Na época de Abreu e Lima o Brasil vivia a incumbência de conquistar a Independência, assim como as nações da América Latina que desejavam libertação do domínio espanhol.

O ímpeto e a bravura de lutar deste herói pernambucano já vieram desde uma família de revolucionários, por ter participado da Campanha Libertária de Bolívar ele se tornou herói, ganhou reconhecimento e distinção dos Militares que comandaram as Batalhas, e foi um personagem real que em pleno período romântico tinha objetivos nacionalistas, que ultrapassavam o sentimento patriótico e chegavam ao Campo de Marte para defender uma Nação.

O estigma e a áurea do herói Abreu e Lima que aparece nas obras literárias bem que poderia ser matéria ficcional em sua maior parte, fruto da imaginação e do pensamento de cada autor, mas acontece que em todas elas há uma tentativa de resgatar e reafirmar a imagem de Abreu e Lima como um herói da Epopeia Libertária, como o braço direito de Bolívar. No entanto, há uma exceção quando falamos da comédia de Januário da Cunha, ponto que será desenvolvido no capítulo seguinte, “História e Ficção: o nascimento do *General das Massas*”.

## HISTÓRIA E FICÇÃO: O NASCIMENTO DO “GENERAL DAS MASSAS”

Os trabalhos que falam do General Abreu e Lima incluem, em sua maioria, breves citações em livros, teses, dissertações e artigos diversos. Como sujeito das Letras e da História, ele ganhou espaço entre os Dicionários de época, como o *Dicionário biográfico de Pernambucanos célebres* (1982), elaborado por Francisco Augusto Pereira da Costa, que se destacou com preciosa contribuição ao tentar reunir os títulos das obras escritas por Abreu e Lima, além de conter informações sobre algumas produções que ele escreveu para a área do direito criminal, da medicina, dos limites entre a América Espanhola e a Colômbia, trabalhos que não encontrávamos mencionados em outras biografias.

Como personagem de biografia romanesca e um homem engajado na construção da nação brasileira, Abreu e Lima contribuiu com suas ideias no Romantismo e Socialismo de meados do século XIX, e seus trabalhos não passaram despercebidos, tanto que vários nomes da literatura e da historiografia brasileiras têm destacado a importância de suas obras. Entre esses autores encontram-se Barbosa Lima Sobrinho, Carlos Guilherme Mota, Gilberto Freyre, Otávio Tarquínio de Souza, Nelson Werneck Sodré e Sílvio Romero. Estes estudiosos consideravam que a produção do General pernambucano deveria merecer um estudo crítico mais aprofundado (MOURA, 2013, p. 221).

Biografias pioneiras foram as de Alfredo de Carvalho, *O General J. I. de Abreu e Lima* (1902), que foi publicada no Almanaque de Pernambuco para o ano de 1903, merecendo destaque entre as demais biografias, pois além de tratar muito bem o contexto histórico da época, como o declínio do Recife nos fins de século XVIII, de enquadrar Abreu e Lima em seu tempo, abre o horizonte para cada obra dele, e aborda aspectos que dizem respeito ao General-jornalista; e a de Argeu Guimarães, *Um brasileiro na epopeia bolivariana* (1926), dedicada a Mário Melo, um texto poeticamente bem escrito, e que começa com uma frase extraída da Carta de Abreu e Lima à Paez (1868), o que prova que ele tinha conhecimento desta carta, e que foi esta um grande suporte para várias biografias feitas na época.

Por outro lado, o trabalho de Chacon, *Abreu e Lima: general de Bolívar* (1983) merece destaque até hoje como a principal biografia nos estudos sobre o General, o resultado das pesquisas no Recife, Caracas, Bogotá, Rio de Janeiro e Brasília, com mais rigor metodológico

sobre documentos inéditos, e demonstrando ter o domínio do conhecimento sobre o General em diversas áreas, a exemplo do ramo maçônico que é pontuado pelo autor. É válido ser mencionado *O General Abreu e Lima* (1983), de Estevão Pinto, que acentua bem a atividade de polemista e escritor do General; *Abreu e Lima, General das Massas* (2006) também, de Mazin e Stedile, que mesmo com seu cunho histórico contribui nas análises do Socialismo e dos movimentos sociais, incentivando para que outras pessoas desejem seguir em frente nas pesquisas sobre o General de Bolívar.

Observou-se após comparar diferentes trabalhos de cunho biográfico sobre Abreu e Lima que as informações contidas privilegiam o caráter histórico, e em sua maioria tratam feitos que se repetem, apesar de haver também a carência de mais fontes e imprecisões que oscilam entre uma e outra. Sabemos que há biografias, teses, trabalhos, que destacam as contribuições deste pernambucano no Campo de Marte, mas quando se fala da importância dele nas Letras a questão torna-se um problema. Ainda há a carência de estudos críticos de sua obra, incluindo diversas abordagens, destacando-se assim poucos trabalhos neste campo.

Através do estudo destas biografias passamos a conhecer melhor a vida de Abreu e Lima, e adotamos tais trabalhos como base para entender a construção do romance histórico em que tem o General como protagonista. Com relação às criações literárias recentes, de autores que resgatam a memória de Abreu e Lima e transformam-no em personagem de ficção há dois poemas de título, “Abreu e Lima”, de João Cabral de Melo Neto e o outro “General Abreu e Lima”, de César Leal. O General também aparece numa história em quadrinhos, *Sangue Latino-um Herói Continental- vida e trajetória de Abreu e Lima* (2008), de Beatriz Costa Paiva, trabalho idealizado pela Prefeitura de Ipojuca, a fim de trazer Abreu e Lima para o conhecimento de outras pessoas, visto que é neste Município onde está situada a Refinaria Abreu e Lima.

Quanto aos romances, temos *Olhos Negros* (2010), de Maria Cristina Cavalcanti de Albuquerque, em que Abreu e Lima destaca-se ao lado de outros nomes da história de Pernambuco, como Frei Caneca, Gervásio Pires e do Leão Coroado. Através da narradora Maricotinha lugares e figuras surgem para tratar o Pernambuco das revoluções no século XIX. Outro escritor que trabalha o personagem Abreu e Lima é Sérgio Bruni, que inova ao misturar biografia bem documentada e ficção n’*O mui desassossegado senhor general* (2010), tendo uma versão traduzida para o espanhol. Por fim, o romance do jornalista Paulo Santos de Oliveira, *O*

*General das Massas: a epopeia do brasileiro libertador das Américas* (2012), que é o *corpus* de análise desta pesquisa.

Na parte do Teatro, a comédia *A Rusga da Praia Grande, ou o Quixotismo do General das Massas* (1834), obra pouco conhecida do Romantismo brasileiro, escrita por Januário da Cunha, assinala o primeiro momento em que Abreu e Lima foi ele próprio objeto de ficção. Além disso, o destaque para a peça está no fato do Cônego Januário, com a tentativa de ridicularizar o herói Abreu e Lima, batiza-o de General das Massas, expressão que será retomada por outros autores anos depois, tanto em obras de ficção como em biografias. Na mesma época, Abreu e Lima refutara as acusações e se afirmou ele mesmo como General do Povo, das Massas.

É válido apontar aqui brevemente a biografia de Januário, por ele ter se envolvido em polêmicas com Abreu e Lima, tanto histórica como também literária. Januário da Cunha Barbosa nasceu no Rio de Janeiro em 1780, e veio a falecer em 1846. Ficou órfão ainda pequeno, e recebeu uma educação religiosa, tornando-se sacerdote. Ele foi maçom e jornalista, e participou da vida política que preparavam a Independência do país. Fundou o jornal político e satírico *A mutuca picante*, e ao lado de Gonçalves Ledo redigiu o *Revérbero Constitucional Fluminense*, que circulou entre setembro de 1821 e outubro de 1822, sendo fundado às vésperas da Independência, e foi o principal órgão da imprensa da época. Januário e Ledo, conhecidos como os irmãos “Kant” e “Diderot” da Maçonaria, (NETO, 2012, p. 4) publicaram no primeiro periódico que abraçava as ideias da Revolução Francesa.

Seus escritos logo viraram alvo de ataques por parte de José Bonifácio de Andrada, sendo o primeiro preso, e o outro exilado. O Cônego apoiou o Ministério que destituiu Andrada como Tutor de D. Pedro II (NETO, 2012, p. 7). A relação do Cônego com D. Pedro I foi controvertida, pois Januário atacou a imagem do Monarca nas páginas de um Periódico Republicanista, foi nomeado como Cônego da Capela Imperial pelo próprio D. Pedro I, e deixou de ser defensor de suas ideias quando ele abdicou. Januário da Cunha fez um grave discurso a Pedro I, na loja Maçônica “Comércio e Artes”, fato que não foi digerido por Abreu e Lima (MOURA, 2006, p. 85). Após a morte de Bolívar, Abreu e Lima viaja para a Europa, e é onde conhece D. Pedro I, e passa a apoiá-lo como um novo Bolívar português. Esse teria sido um dos motivos para que Abreu e Lima comandasse os insurretos que planejavam ocupar a Vila Real da Praia Grande, e tentando repor o conselheiro Bonifácio como Tutor de Pedro II, o que culminou na queda da

regência e do Ministério (MOURA, 2006, p. 86). Carvalho (2003) também nos explica o que aconteceu na loja de “Comércio e Artes”:

[...] havendo o cônego Januário da Cunha Barboza, um dos corifeus da facção adversa, recitado na loja maçônica- Comercio e Artes, da qual era Veneravel, um virulento discurso tratando Pedro I de vil traidor, fraticida abominável, perjuro e monstro, e aventando-se pouco depois, na Camara dos Deputados, um projeto de banimento do ex-imperador, Abreu e Lima não trepidou em descer à liça em defesa do vilipendiado monarca. (CARVALHO, 1903, p. 17).

Com relação a seus trabalhos na área das Letras, “segundo Haroldo Paranhos, ‘o Cônego Januário deixou cerca de quatrocentos sermões, discursos, memórias, relatórios e escritos sobre assuntos morais, políticos e religiosos’ (1937, p. 298). Escreveu ainda o poema épico ‘*Niterói*’ (1823), a comédia ‘*A Rusga da Praia Grande*’ (1831) e o poema herói-cômico ‘*Os Garimpeiros*’ (1837)” (SOUZA, 2014, p. 32). Ele reuniu obras alheias e publicou com o *Parnaso Brasileiro*, a primeira coleção das melhores poesias dos poetas do Brasil. Januário era acostumado a travar guerras literárias na nascente literatura brasileira de então.

Antes de ter Abreu e Lima como alvo, o Cônego havia atacado Bernardo Pereira de Vasconcelos (fundador do Partido Conservador) no seu poema em versos *Niterói* (1823). Com Abreu e Lima, além da questão literária, o problema também se deu no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), do qual o Cônego foi um dos fundadores, e Abreu e Lima havia sido sócio e membro durante os anos de 1839 a 1844. Seu embate com o Cônego deflagrou-se pelo fato de sua função a frente do Instituto não ser convincente, nem a dos outros sócios, e também por ele ter atacado e comprometido a análise de seu *Compêndio da História do Brasil* (1843), reafirmando a ideia de Varnhagen de que o livro seria plágio. A resposta do General veio numa acirrada e violenta crítica conhecida como *Resposta do General J. I. de Abreu e Lima ao Cônego Januário da Cunha* (1844).

Tratando mais a fundo a comédia de Januário, sabemos que a peça foi escrita anonimamente em 1834, e publicada no Rio de Janeiro. O ano de 1834 figurou entre o decênio de 1831 a 1840, período Regencial no Brasil, que compreende a abdicação de D. Pedro I e o Golpe da Maioridade, e o momento em que o vice de Francisco de Paula d’Almeida e Albuquerque, Manoel de Carvalho Paes de Andrade, assume a Província de Pernambuco. A

preocupação da época era a Guerra que acontecia há dois anos em Panelas e Jacuípe, e que consumia muita verba do Governo. No Ato II da Comédia, na Cena Segunda, a fala do personagem Chará, em diálogo com o Rancheiro, exemplifica um dos momentos em que esta Guerra é comentada:

Lembrem-se de Panelas e Jacuípe, e façam o que ali se faz, que não irão mal. É forte impertinência! Também eu fui despachado General do Recôncavo, e ainda não cobrei soldo, nem sei quanto devo receber. Um Andradista não sabe o que pode acontecer quando trata de restaurar o Excelentíssimo Tutor. Só ele é que nos pode livrar do atrevimento dos Chumbos, e dar Emprego aos Patriotas. Ninguém há de ficar desempregado, e os grandes Gênios governarão o Brasil. (TRANSCRIÇÃO NOSSA, CUNHA, 1834, p. 29).

Na história do Brasil, Pernambuco destacou-se como palco de frequentes levantes políticos e revolucionários. Antes, no Brasil os grupos estavam divididos em centralistas (apoiava o Imperador) e federalistas (grupos formados depois de 1824, no momento em que se discutiam os projetos de nação). Com a abdicação de D. Pedro I, em 1831, três grupos se formaram: exaltados, moderados e restauradores (apoiava o Imperador). Os federalistas, posteriormente, dividiram-se em exaltados e chimangos. Já os restauradores contaram com os irmãos João e Luiz Inácio Ribeiro Roma (irmãos do General). Entre eles havia uma suspeita de aproximação com D. Pedro I. O Grupo dos Cavalcanti pareciam apoiar D. Pedro I, mas não queria que o Imperador interferisse no poder local (JÚNIOR, 2013).

Algumas cartas que Abreu e Lima enviou ao irmão foram interceptadas no Rio de Janeiro. Elas pediam que os Cabanos apressassem o golpe, e alertavam que depois do aviso de Luiz ele iria ao Recife, junto de oficiais. Abreu e Lima desejava que os Cabanos conquistassem uma vitória imediata. A reação veio logo em seguida, por parte do Coronel Francisco Jacinto Pereira, do Juiz de Paz José Higinio Miranda e do capitão José Maria Ildefonso, pedindo que a Província combatesse os levantes, que mandasse os presos para a Ilha de Fernando de Noronha, e que prendesse o General Abreu e Lima. Quando Manoel assumiu a Província, deu a ordem de envio dos revoltosos para o presídio. Dos 68 presos, estavam entre eles Luiz e João Roma.

Manoel liderou a combativa ao movimento, incluindo mais de mil praças para levar ao campo, entre eles estavam Batalhões da Guarda Nacional do Recife e soldados do Corpo dos

Municipais Permanentes. Algumas das medidas tomadas pelo então presidente foi a suspensão do *habeas corpus* e o apoio de recompensas em dinheiro para quem capturasse vivo ou morto os revoltosos Cabanos. Júnior (2013, p. 1895), explica-nos que após a vitória de Manoel de Carvalho, e por ele ter assumido a Província oficialmente em 03 de junho, no Teatro do Recife, em 22 de junho daquele ano foi apresentada a peça *A Rusga da Praia Grande, ou o Quixotismo do General das Massas*. Tentaram derrubar Manoel do poder, mas ele conseguiu vencer os movimentos, como a “Carneirada”, e seguiu para o Senado. Em seu lugar ocupou Thomaz Pires de Figueiredo Camargo, passando um mês no cargo e sendo substituído por Francisco de Paula Cavalcanti e Albuquerque, seguindo-se até a Praieira.

A respeito do sentido da Comédia de Januário, uma primeira interpretação permite-nos afirmar o que foi exposto anteriormente, que a peça serviu para mostrar como Manoel, recentemente à frente da Província, conseguiu controlar e acabar com as revoltas. A notícia da vitória da Província aparece no Ato III, já na penúltima Cena da peça, sendo anunciada pelo narrador, logo após Abreu e Lima entregar o plano aos Militares, que decidiriam o dia do Brasil:

Entram dois Oficiais, um de Permanente, e outro da Guarda Nacional, de espadas nuas e com soldados dos seus respectivos corpos. Prenderão logo o Carpinteiro, e os soldados estrangeiros, que ainda estiverem em Cena. Os Oficiais tirarão debaixo da mesa o Chará, e muito enfiado e tremendo, e a Taberneira. (TRANSCRIÇÃO NOSSA, CUNHA, 1834, p. 73).

O contexto da época vai influenciar diretamente nas ações da peça. Em seus três Atos é possível observar o jogo político e as ideologias que marcaram o ano de 1834: são citados os conflitos de Panelas e Jacuípe, a questão de destituição do Tutor de D. Pedro II, os prós e os contras de quem fazia parte dos Andradistas, as notícias de desenvolvimento dos conflitos, o resultado da principal ação das forças por parte da Província, e a atuação do General Abreu e Lima.

É a atuação do General a mola de desenvolvimento da Comédia, constituindo também o seu ponto máximo, e que qualifica o gênero. Ao retornar à Pátria depois de uma ausência de anos, Abreu e Lima é visto como suspeita pelos brasileiros. Januário qualifica no texto a glorificação do Herói, chamando-o do conquistador das “Cembatalhas”, o vencedor de *Carabobo*. Em vários momentos ele é nomeado como o General das Massas, abrindo o horizonte

para um sentido ambíguo. Abreu e Lima é escolhido para ser o General em Chefe, que estará à frente da revolta, devido a toda a experiência que conquistou e ao sucesso na libertação da América Espanhola. Abreu e Lima estava convicto de que venceria o confronto final, primeiro por ter sonhado com a alma do grande avô na noite anterior, e segundo por acreditar que o apoio do povo estaria assegurado, fato que é observado no diálogo entre o General e o Chará, no Ato III:

**Abreu e Lima (animando-se)**

Que lhe preste, Amigos; continuem que eu já fiz o mesmo.

(desenrolando uma folha de papel, que trará na mão.).

Eis aqui o plano do ataque, que vamos a dar. Berthier e Napoleão, juro-vos, o não traçariam melhor. Dou graças à Providência de eu haver sido Ajudante de Campo, Secretário íntimo, em suma, pajem da lança do imortal Bolívar. Como Cavalheiro, como General aproveitei todas as circunstâncias da nossa posição, e até as notícias comunicadas pelo Senhor General Solidonio, apesar de serem exageradas, e algumas hasta com sintomas de falsas. O medo de quem lhas contou não entra no nosso acampamento. (apoiados).

Vereis hoje que o vencedor de *Carabobo* não se assusta com as roncas desse Governo fraco, e desse corpo de tropas, que antes de poucas horas estará feitos em postas; (apoiados).

Digo-vos, Senhores, tirado este espeque ao Governo, está restabelecido o Tutor em seu cargo; Martim Francisco aclamado único Regente (apoiados); e eu com a Pasta da Guerra. (apoiados.).

Coitados! Os Permanentes vêm atraídos por um estratagema dos meus para serem todos passados a cochilo nos Campos da Pihiba. Nem a um só se dará quartel (apoiados muito vivos).

De seus ossos formar-se-á uma coluna monumental, sobre a qual se colocará a minha estátua no uniforme com que me apresentei na magnífica parada do Rio dos Passarinhos; e em cada uma das caveiras, que ornarão o pedestal, os nomes, em letras de ouro, de todos os nossos bravos Generais.

**Chará**

Em latim Cicerônico, e eu os escreverei.

### **Abreu e Lima**

Tive uma visão esta noite; sonhei com a alma de meu Avô; juro-vos que ele me falou, assegurou-me a vitória; e beijando-me no queixo, desapareceu. Vede, pois o compromisso, em que me acho! Vou a cumprir a palavra de meu grande Avô; o carro de meu triunfo está lançado. (TRANSCRIÇÃO NOSSA, CUNHA, 1834, p. 70 a 72).

No desenvolver dos levantes, as notícias não eram nada otimistas: prisões, mortes, e a fome assolava o povo. No momento em que Abreu e Lima conversava com os revoltosos, apresentou o plano de ataque que havia traçado. O plano não chegou a ser executado, pois foi no mesmo instante em que as Tropas da Guarda Nacional e dos Permanentes chegaram para impedir a revolta. Januário da Cunha ironicamente disse que Abreu e Lima fora o primeiro entre os Generais a fugir quando da chegada da Tropa, e no fim do Ato não temos mais notícias de Abreu e Lima, aludindo até ao que aconteceu na história real, pois o Coronel Francisco Jacinto Pereira tinha mandado prender Abreu e Lima como um dos líderes da revolta, coisa que não aconteceu. Para Januário da Cunha as ações do General Abreu e Lima foram despropositadas, tanto que ele o comparou ao herói Quixotesco.

Na peça circularam em cena vários personagens, o General Abreu e Lima, o Padre Mestre Chará, integrantes militares, incluindo Soldados Estrangeiros, Sargentos e Oficiais, além de profissionais das classes menos favorecidas, como a Taberneira, o Carpinteiro e o Rancheiro, que têm suas funções específicas no texto, e diferentes linguagens e saberes, que mostram a hierarquia de cada um na sociedade. Quando os Generais foram flagrados pelas Tropas, o grande Padre Mestre Chará, detentor das boas Letras, tentou fingir que não era General, e que não tinha nenhum envolvimento com a revolta, mas foi desmentido pela Taberneria e pelo Carpinteiro. É do Carpinteiro a última fala do Terceiro Ato, no final da peça, e que trás esperanças para os rumos do país, pois mostra que mesmo no momento em que se vivia a emissiva da revolta, era possível encontrar pessoas dignas e de bons princípios:

Acabou a rusga da Praia Grande; e assim acabaram quantos os ambiciosos empreenderem contra a Pátria. Eu obedeço à Autoridade, que me prende; mas terei ocasião de provar, que não entrei na pandilha dos que querem fazer fortuna iludindo, intrigando, e comprometendo Brasileiros sem experiência. Se eu não confiasse na Sabedoria e Justiça do nosso Governo, desgraçado me chamaria; mas vou provar a

minha inocência, e desenganar os meus Patrícios com a fiel narração dos fatos desta rusga, que os Caramurús são todos uns fanfarrões covardes e que o nome só de Permanentes os ferem de mais terror, do que um raio. As minhas palavras aproveitarão os meus bons Patrícios, por que eles dão sobejas provas de que abominam os Caramurús, não querem Pedro I... não querem Andradas! Querem sim Constituição Liberdade, Lei, Pedro II, Governo Enérgico, Ministros honrados e Patriotas, e Militares tão votados à Causa da Pátria, como são os briosos Municipais Permanentes. (TRANSCRIÇÃO NOSSA, CUNHA, 1834, páginas 74-75).

Por outro lado, apesar de termos mostrado como a peça esteve amplamente relacionada ao contexto e aos interesses da época, Oscar Gama Filho (1991) ao fazer uma análise da obra do Padre Marcelino Duarte acrescenta outra leitura para a peça de Januário de Cunha, destacando um dos motivos que levaram o Cônego a escrevê-la. A questão dizia respeito às alianças políticas, visto que Marcelino havia participado dos levantes que levaram D. Pedro I a abdicar, e por esta razão, a mando de Diogo Feijó, o Padre foi preso na Fragata Paraguaçu. Quando estava detido, a comédia de Januário entrou em cena no Rio de Janeiro, e que aludia à vida do Padre, que morava na Praia Grande, em Niterói. Marcelino, que já havia escrito *Derrota de uma viagem ao Rio de Janeiro* (1817), escreve em represália ao Cônego os versos que constituem *O Cônego e Inês*, do qual conhecemos apenas um fragmento, e que não chegou a ser representado na época.

A comédia da *Rusga* provou o quanto a história pode e está entrelaçada com a literatura. Paul Ricouer (1997) já apontava a possibilidade de entrecruzamento entre estas duas áreas a partir de uma refiguração do tempo, em que uma toma empréstimos da outra, e faz uso de seus efeitos de modo recíproco. Quando estamos diante de uma obra podemos lê-la de diferentes maneiras, pois “uma mesma obra pode ser um livro de história e um romance” através de um pacto de leitura entre a voz narrativa e o leitor (RICOUER, 1997, p.323). Cabe-nos agora entender como Paulo Santos trabalhou o seu romance histórico, misturando fictício e inventado, personagens que pertenceram à história, datas e lugares conhecidos, como cada personagem ganhou voz, e que será abordado no próximo tópico.

## A EPOPEIA DE PAULO SANTOS: A VOLTA DO “GENERAL DAS MASSAS”

Em 1834 Januário da Cunha cria o epíteto “General das Massas” com o objetivo de ridicularizar o General Abreu e Lima, que havia sido herói na Libertação da América Latina. Ainda naquela época, o próprio General retrucou o ataque do Cônego reafirmando que era mesmo o “General das Massas”. Quando pensamos que o título de “General das Massas” estaria esquecido desde aquele ano, ele reaparece, mas nomeando biografias e trabalhos literários. Em 2012, com *O General das Massas: a epopeia do brasileiro libertador das Américas*, o jornalista Paulo Santos de Oliveira, que também escreveu *A Noiva da Revolução* [(2012), que trata do contexto revolucionário nordestino de 1817], e uma versão atualizada d’*A Guerra dos Mascates* [(2011), que aborda a Insurreição Pernambucana de 1710], de José de Alencar, propõe no título de sua *Epopeia* uma intertextualidade com a *Rusga* de Januário da Cunha. No entanto, no decorrer do livro, o nome de “General das Massas” aparece uma ou outra vez, mas não com o intuito de retornar excepcionalmente o sentido atribuído por Januário.

Já é a partir do romance moderno em que cada vez mais se pretende aumentar o sentimento de dificuldade do ser fictício, diminuindo a ideia de esquema fixo (CANDIDO, 2007, p. 59). O romance de Paulo Santos é publicado em 2012, numa época em que, de acordo com Hutcheon (1991), as narrativas convivem com a passagem do Modernismo para o Pós-Modernismo, e os personagens dos romances passam a representar a frustração do projeto sociocultural da modernidade, do homem ver e se ver no mundo, do tempo das certezas relativas, dos desafios aos limites, da perda da sua identidade. No entanto, Paulo Santos vai buscar a matéria de sua *Epopeia* no século XIX, sobretudo, na participação de um brasileiro na epopeia bolivariana, e este brasileiro que se torna protagonista do romance, apesar de ter sido um sujeito complexo na vida real, nesta *Epopeia* ele aparece bem delimitado, sem profundas perplexidades, visto que também não há marcas de trabalho psicológico pelo narrador.

Apesar de nomear-se como *Epopeia*, a matéria narrativa não está organizada em versos, não conta a história dos vencedores (se considerarmos aqui que o grande sonho de Bolívar de manter a Grã-Colômbia não foi alcançado, mas também poderíamos considerar que ele libertou vários reinos e expulsou os espanhóis), o personagem que estamos analisando não é o herói

épico, um líder superior aos homens, tampouco há a invocação das Musas Clássicas, e os seus demais elementos constitutivos de uma Epopeia. Muitos autores costumam nomear a luta dos Libertadores contra a expulsão dos espanhóis na América Latina por Epopeia. É por essa razão que Paulo Santos retoma o termo, não somente isso, mas também pelo fato dele recontar como foi o período libertário, ou melhor, de pensar cada momento e criar evento a evento, mostrando planos, estratégias de guerra, os desenlaces das batalhas. A história começa e termina em *La Guaira*, e compreende o momento em que Abreu e Lima permanecera na América Latina longe de sua terra, na verdade, corresponde ao tempo em que ele chega para servir ao Libertador, e com a morte deste, o General é expulso da Colômbia e parte para os Estados Unidos, passando novamente por *La Guaira*, onde a narrativa termina:

Parti numa madrugada de mar ainda mais bravo que o de costume. O vento silvava parelho, dispersando as nuvens que tinham feito chover durante a noite, enfunando as velas e fazendo a carreira em direção às águas frias do norte atingir, logo, logo, uma velocidade de dez nós. O farol, ainda aceso, foi ficando rapidamente para trás; e à medida que as ondas faziam o buque subir e descer a grande altura, ele parecia inclinar amavelmente a cabeça, como se estivesse se despedindo, até desaparecer por completo. E com ele, o último ponto visível da Grã-Colômbia... (OLIVEIRA, 2012, p. 443).

Para Candido (2007, p. 64-65), em sua análise da construção do personagem do romance ele afirma que não é possível dar um sentido absoluto à personagem que foi transplantada da realidade. A personagem deve sim dar a impressão de que vive, e de que ela é um ser vivo. Em alguns casos, escritores usam seres reais e criam obras em que eles aparecem semelhantes ao que foram em vida. Um exemplo desse tipo de personagem foi Mio Cid, que teve sua história recontada numa canção de gesta, e que se tornou símbolo de uma nação. Com Abreu e Lima não foi diferente. O General pernambucano sai do histórico e entra nas veias narrativas para incorporar o protagonista do romance de Paulo Santos. Além de protagonista, ele também aparece como narrador-testemunha, com narração em primeira pessoa, em que o personagem Abreu e Lima, que viveu a narrativa, observa o que aconteceu e narra os acontecimentos da periferia, tentando torná-los o mais verossímil ao leitor (LEITE, 1985, p. 25-70):

Neste lanço da minha vida principia esta narrativa, que será feita apenas devido às suas instâncias, meu querido doutor Teodoro Machado Freire.

Você, caro amigo, a quem devo o resgate das minhas condecorações roubadas, entre outras gentilezas, costuma reclamar que eu estou no panteão dos heróis de várias nações e nenhum brasileiro pode orgulhar-se disso, além de mim. Porém, permaneço um quase desconhecido em meu próprio país. E quando tocam no meu nome é tentando me depreciar, como em *A rusga da Praia Grande ou o quixotismo do General das Massas*, aquela triste comédia encenada no Rio de Janeiro. (OLIVEIRA, 2012, p. 14-15).

Na realidade, os fatos narrados se destinam a um leitor especial, ao amigo de Abreu e Lima, o delegado Teodoro Machado Freire. No final do romance há um texto intitulado “Nota do Delegado”, em que este delegado conta como conheceu Abreu e Lima, em 1844, por ocasião do roubo das condecorações do General, que foram conquistadas nas batalhas dos Libertadores, e subtraídas de sua casa, e que o amigo teria recuperado parte delas. O Delegado também nos fala de alguns costumes do General, das visitas que fazia a casa dele, e acontecimentos marcantes da vida do General. É nesta nota também, que o Delegado diz ter recebido uns escritos de Abreu e Lima após a sua morte, e estes escritos constituem a própria narrativa que Paulo Santos criou. Como os dados históricos sobre Teodoro Machado não nos revelam mais informações sobre a vida dele, não é possível afirmar que a “Nota do Delegado” seja verdadeira, ou também criação de Paulo Santos, e que muito menos existem ou existiram tais escritos.

Com relação aos aspectos formais Paulo Santos inova na estrutura da obra, no jogo entre locutor e interlocutor. Abreu e Lima morre aos 75 anos, e é com 74 anos que escreve o texto para Machado, estando em Recife, e a idade avançada não impediu o fôlego de relembrar em mais de 400 páginas cada acontecimento da Epopeia Bolivariana, que testemunha não só os confrontos entre os Libertadores e os Espanhóis, mas também as peijas que existiram entre os próprios Libertadores, as disputas internas pelo poder e as traições:

Ao que sempre lhe respondo: aqui, estive apenas com os perdedores, e como a História é escrita pelo outro lado, o resultado é esse.

Então, vem você e me recrimina. Diz que parte da culpa é minha, pois jamais propalei meus feitos, e talvez tenha razão. Por isso, depois de muito ajuizar , decidi finalmente lançar esta narrativa no papel.

Assunto, você sabe que não faltará. São infinitas as peripécias em que me vi metido ao longo da vida – e me vejo, aliás, até hoje, com tardios setenta e quatro anos e nessa pendenga com a Igreja. (OLIVEIRA, 2012, p. 15).

Durante a narrativa, ele dirigiu-se a Machado várias vezes, ora tratando-o por Doutor (o que lembra a comunicação do narrador Riobaldo, em *Grande Sertão: Veredas*, ao dirigir-se também a um Doutor), ora relacionando fatos de Recife e América Latina, do passado e do presente. Apesar dos escritos deixados serem um testemunho do que Abreu e Lima vivera, a leitura da narrativa permite-nos pensar que os fatos estão sendo vividos novamente, ou que acontecem pela primeira vez, com um transporte do leitor para o momento em que os fatos acontecem, visto que em diversos momentos o tempo usado é o presente e não um passado de anos.

Foi a partir dos anos 60 em que houve a maior retomada por parte dos escritores às narrativas que constituem o romance histórico, sobretudo, com o objetivo de repensar o passado a fim de modificá-lo. Para estudiosos atentos às biografias feitas de Abreu e Lima, e sabendo do que aconteceu na vida do General, e de que acontecimentos relevantes não poderiam faltar neste romance analisado já que se trata da Epopeia Bolivariana, o romance histórico de Paulo Santos parece-nos fiel ao que realmente aconteceu, mesmo que o próprio autor tenha afirmado que seria inalcançável o desejo de colá-lo à realidade, assim como fez n’*A Noiva da Revolução*, devido à complexidade dos eventos, por se tratar de duas décadas e abranger uma área geográfica que compreende a metade da América do Sul.

Depois de quatro anos de pesquisa, ao desenterrar a memória heroica de um pernambucano, Paulo Santos atua semelhante ao historiador procurando reconstruir o passado tal como ele foi, tentando passar uma imagem coerente que condiz com aquela realidade do século XIX, permitindo a simbiose entre a história e a ficção, pois ele utiliza-se de documentos e usa a imaginação para reinterpretar as fontes. Estando pautado no conhecimento político do protagonista e narrador, e como a matéria da vida pessoal do General ainda compreende mais carências de informações, para Paulo Santos era difícil atingir a fidedignidade de todos os fatos, e por isso liberou a fantasia misturando o fictício e inventado a personagens históricos, datas, e lugares conhecidos, e o resultado foi de alta elaboração que quase não há a ilusão de que iremos ler algo histórico seguido da quebra por se tratar do ficcional.

Com base no estudo das biografias sobre Abreu e Lima, e nas palavras do próprio Paulo Santos, os eventos, os locais e as datas de seu romance são históricas, assim como as falas políticas de Bolívar e Abreu e Lima são verdadeiras, consultadas nos escritos deles. Todos os personagens históricos também são reais, até mesmo o Delegado Machado, a quem o General se refere. Quanto aos cenários, surgiram das leituras que ao autor fez sobre descrições de viajantes do século XIX, e também da experiência pessoal pelos Andes peruano. Para Ricouer (1997, p. 218), o tempo do romance está livre de estar ligado ao calendário, até mesmo o herói às datas, mas ao notar o tempo e a época Paulo Santos insere a categoria de Romance Histórico ao seu texto, marcando o que aconteceu no passado. Existe, de fato, uma complementaridade entre a história e a ficção, e que está relacionada à realidade. Uma chega a imitar a outra, história e ficção fazem empréstimos de recursos, e os efeitos entre as duas cria o tempo narrado.

O tempo da narrativa neste romance é contado pelo protagonista, que narra a Epopeia libertária que participou, relata até mesmo episódios desimportantes, pelo fato de encantá-lo, e durante a narração ele anuncia ações que se desenrolarão futuramente e deixa a curiosidade no leitor para saber o que acontecerá, além de que também queremos saber qual foi o final da Epopeia, se acontecerá algo inusitado, que foge à verdade histórica de como tudo aconteceu no passado, ou mesmo que o desenvolvimento seguisse o curso da História, a vida amorosa de Abreu e Lima poderia ter tido outro fim. Podemos dizer, portanto, que o romance se baseia, antes de qualquer coisa, num certo tipo de relação entre o ser vivo (Abreu e Lima) e o ser fictício manifestada através do protagonista, que é a concretização deste (CANDIDO, 2007, p. 55).

De acordo com Frye (1957), na ficção literária um alguém faz alguma coisa, e este alguém, se indivíduo pode ser um herói, e a coisa as ações que ele faz ou poderia fazer. O percurso do herói acompanha o curso da história, mas as categorias querem ver o personagem isolado do seu contexto social. É por isso que tentamos esmiuçar a construção do herói a partir de seu valor histórico, do seu tempo, e não vamos adentrar na caracterização a partir de tipos. Para Kothe (1987), o herói é a mola propulsora de uma narrativa, de um sistema, e é ele quem organiza este sistema. De fato, em Paulo Santos, Abreu e Lima é quem organiza o sistema narrativo, visto que se trata de suas memórias como testemunha dos fatos, e mesmo ele tendo sido herói histórico, será que na narrativa ele aparece como um herói verdadeiro? Quem é o herói na Epopeia de Paulo Santos? Por que o autor não trás o nome de Herói no título, “o Herói Abreu

e Lima”, ou “um herói brasileiro na epopeia dos Libertadores de América”? Ou será ainda que o personagem por ter se aproximado tanto do real o que havia de herói desapareceu, conforme hipótese observada por Bakhtin (2003)?

Diferente do caso brasileiro, o período de luta libertária na Epopeia Bolivariana foi uma jornada povoada de Heróis. Na maioria da aventura Abreu e Lima aparece respeitando a hierarquia militar, pois quando ele chegou em *Angostura* era um Capitão de Artilharia, desconhecido daqueles homens, e teve que desempenhar-se bem em sua atividade como oficial para poder conquistar postos. A Batalha de *Queceras del Medio* é um bom exemplo para mostrarmos o respeito militar por parte de Abreu e Lima, que ainda era capitão:

Eu fora destacado para servir como ajudante do general Carlos Soublotte, chefe do estado-maior, e segui com os oficiais mais graduados no único bergantim da flotilha. O formato triangular das duas velas latinas dessa embarcação me lembrou as jangadas pernambucanas, mas confesso que naquele dia, ao contrário da maioria dos outros, não senti saudades da minha terra. [...] Minha excitação se devia à perspectiva de viver uma grande aventura, de entrar em combate e de voltar ao meu verdadeiro ambiente: à tropa, aos uniformes, à caserna. (OLIVEIRA, 2012, p. 65).

No entanto, o maior degrau que ele subiu proveio, sobretudo, do reconhecimento do que escrevera para Bolívar, pois se tornou General logo após toda a gratidão do Libertador pela defesa diante da Europa, no *Resumen Histórico* que Abreu e Lima elaborara com muita dedicação e empenho, além de ter recebido os soldos atrasados:

Foi aí que eu recebi do Libertador a honrosa incumbência de defendê-lo perante a opinião pública na Europa, em parceria com o Abade Pradt – reputado pelo próprio Napoleão como homem de grande talento e extensas luzes – na peleja com Benjamin Constant. [...] Você não faz a ideia do quanto o Homem ficou satisfeito. Mandou-me pagar os soldos atrasados e creio até que a minha promoção a general, concedida por ele pouco adiante, deveu-se em boa parte a esse trabalho. (OLIVEIRA, 2012, p. 401-402).

Na narrativa podemos ver que Abreu e Lima tornou-se Tenente-Coronel e depois General, e também o quanto ele era subordinado aos maiores, pois em dado momento ele pediu transferência de posto e não foi atendido, e quando quis ser um representante da Colômbia no Brasil não conseguiu ter a aprovação, e este fato foi usado contra ele mais tarde por Santander, que o acusava de trair a Colômbia em nome da Pátria Brasileira.

Apesar de ser a história de um brasileiro na Epopeia, ao contar a trajetória pela América Latina, e mesmo tendo sido o que ele experienciou, Abreu e Lima não se coloca como o grande herói das causas libertárias, mas sabe reconhecer seu lugar, e surge como herói secundário, na verdade, como um pedaço de todos aqueles que lutaram pelo mesmo objetivo, e o General Abreu e Lima aparecia escrevendo sua história entre os grande nomes, heróis por toda a experiência que já tinham no Campo de Marte, Simón Bolívar, Sucre, Pàez, Santander, e tantos outros. As atitudes de quem sabe render-se com humildade diante de um superior acaba ganhando a dignidade, e é este o traço que veste o personagem Abreu e Lima, e não o fato de querer que ele seja muito verdadeiro, e tampouco de ele ser transformado em baixo por tentar traduzir um homem alto, quem sabe o herói Abreu e Lima neste romance tenha sido também diminuído por seu posicionamento ideológico, pois as ideologias diminuem o herói (KOTHE, 1987).

No final do livro acontece uma ação que culmina para a diminuição do herói, não por parte do autor, mas por um acontecimento da vida do General e que é transplantado para a obra, e aparece ali no fim justamente para por um ponto final na Epopeia. Abreu e Lima, assim como outros militares, é expulso da Colômbia por Obando, com suspeita de ter atingido a causa pública. No entanto, aquelas terras que vez ou outra tentaram denegrir a imagem do herói estrangeiro, depois do pedido feito pelo General, concederam um diploma de “Benemérito da Pátria em grau heroico e eminente”. Onde estaria o sentimento de honra para quem deixava a sua terra para lutar pela liberdade de uma nação, e é convidado a se retirar? Não era um pedaço de papel que iria mudar o rumo do pernambucano, até mesmo parte de seus poucos bens foram subtraídos na saída de Colômbia e ida para os Estados Unidos. Contra quem aqueles guerreiros teriam de lutar?

O inimigo era bem maior do que os espanhóis, descrito na narrativa também como “os godos”, pois havia problemas naturais e as condições do próprio exército. No primeiro caso, o exército de Bolívar teria que vencer as intempéries, o frio, a *soroche*, o ambiente que não colaborava, alguns devido à lama, por exemplo, ou o que aconteceu na escalada dos Andes:

A cada manhã retomávamos a mesma marcha lenta, envoltos em uma neblina gelada e úmida, tão espessa que mal nos permitia distinguir as costas do homem à frente. [...] Avançávamos numa nudez tão completa quanto a pobreza do solo, pois nem uma mísera graminha brotava naquela solidão, e até os mais alegres e festivos de nós se apoucavam

e entristeciam. Uma força estranha nos obrigava a calar, dando razão à lenda indígena segundo a qual uma entidade vive de pé sobre o pico mais elevado dos Andes, com a cabeça inclinada sobre o peito e o dedo indicador selando-lhe os lábios: o deus do silêncio e da meditação.

Além do frio, sofriamos muito com o *soroche*, um fenômeno típico daquelas alturas. (OLIVEIRA, 2012, p. 93-94).

E quanto ao exército, era popular, pobre, faminto, formado por estrangeiros, pela população local e os grandes líderes, lutando para sobreviver às péssimas condições, às vezes à falta de armamentos e de materiais para o combate, mas recebia apoio por onde passava, até havia mulheres que seguiam nas batalhas para ajudar aos feridos, e o exército das dificuldades acompanhava o Homem da dificuldade, que construía um sonho onde nada havia.

Até mesmo Abreu e Lima queixou-se das suas condições, faltava-lhe vestimenta melhor, e dinheiro, talvez pelos grandes não dividirem adequadamente os bens públicos mantendo gastos exorbitantes, e em vários momentos ele hesitou em pedir os soldos atrasados. Além de lutar contra as adversidades do exército, eram comuns as intrigas travadas entre si pelas lideranças de disputar de poder, e ainda tinha a batalha contra os espanhóis. As primeiras Batalhas foram a de *Queceras del Medio* e *Cucuta*, onde o exército de Bolívar, mesmo em número inferior, através de estratégias de guerra, plano de desvios de rota, obteve vitórias. Destas duas batalhas Abreu e Lima não participara lutando. O herói brasileiro tinha espírito aguerrido, queria entrar em combate logo, mas teve que esperar para os confrontos posteriores. Assim, seguiram-se *Quito*, *Boyacá*, *Carabobo*, *Maracay*, *Bomboná*, *Pichincha*, *Puerto Cabello*, *Junín*, *Ayacucho*, *Zulia*, pelejas em que o Exército do Libertador, na maioria das vezes em número reduzido, saía com menos mortos (como em *Junín*, 250 contra 150, ou em *Ayacucho* com 300 do exército de Bolívar contra 1800 mortos do lado Espanhol), conseguiu vencer uma a uma, libertar cinco reinos (Venezuela, Equador, Colômbia, Peru e Bolívia), e manter unida a Grã-Colômbia, até o momento em que os países quiseram se tornar independentes e houve brigas internas.

Até chegar a ter boa atuação Abreu e Lima passou por provações. A primeira delas foi ter assumido inesperadamente uma das baterias em *Boyacá*, só por causa da baixa dos artilheiros. Quando ele pode ter o comando, em *Maracay*, falhou e colocou a culpa no colega, e teve remorsos. O herói começou de baixo e foi preciso de esforço e competência para firmar-se, e

também reerguer-se. A primeira falha passou despercebida, pois não foi culpado pelo erro, mas a ele foi dado o direito de recomeçar. Em *Puerto Cabello* teve a oportunidade de assumir o Estado-Maior, e teve que organizar tudo, procurar o terreno adequado, guiar batalhões, assumir o bombardeiro por 18 horas seguidas, e ainda assim saber render-se ao seu Comandante, Comandantes estes que oscilavam de uma batalha para outra, servindo principalmente a Bolívar e a Pàez, o que pode ser observado no momento em que ele narra parte da Batalha de *Carabobo*:

Não é fácil para quem se meteu em uma peleja assim rememorá-la após tanto tempo, até porque lá dentro quase nada se cogita, somos puros instintos e reflexos. E eu estive bem no meio daquela, na cabeça da Primeira Divisão desde o primeiro tranco, servindo na cavalaria, que não era a minha arma, fazendo às vezes de aríete para abrir uma brecha nas linhas espanholas, formadas por tropas experientes, descansadas e bem postadas numa elevação do terreno – para alcançá-las, precisávamos galgar um pendente. Recordo-me bem das sensações: da boca amargosa, sabendo a fel e a lama; das ventas aspirando um bafio que parecia emanar de uma caldeirada de sangue e bílis, cozida pelo Maligno; das vistas atentas, espreitando ansiosamente a chegada do fim, à menor distração ou a qualquer momento; e nas oiças o estrondo das armas de fogo e as lamúrias dos desmembrados e desventrados, os relinchos das bestas e os rogos por socorro, os gritos de morra e os gemidos derradeiros... E o General Pàez, que de espada na mão e três pistolas na cintura era a própria visita da Parca; ou os raios que caem do céu sobre as palmas, os *corozos* e os *samanes*, fendendo os de cima a baixo nas tempestades *llaneras*. (OLIVEIRA, 2012, p. 192).

As vitórias eram alcançadas no corpo a corpo, e não por ações miraculosas, nem o herói tinha o poder de um Deus. Abreu e Lima afirmou que matou muitos a bala, a sabre e a coronhadas, e provou em seu testemunho que era humano, pois mostrou que assim como outras pessoas, as mazelas podiam atingi-lo também, a exemplo de quando foi acometido pela febre, quando atingido por uma bala noutra ocasião, e ficou internado sem poder participar de uma importante batalha. Antes de atuar militarmente, Abreu e Lima foi incumbido de exercer atividades nas Letras, sem mesmo ter experiência. Primeiramente, redigiu boletins de batalhas, e escreveu para o periódico local *Correo del Orinoco*. Seu trabalho escrevendo era difícil, visto que tinha de ler muita coisa, formar opiniões, rebater as críticas que circulavam noutros meios da época, como o *Correio Brasiliense*, de Hipólito da Costa, além de que articulava as notícias do Brasil ao contexto de América Latina.

Ainda na Epopeia Bolivariana nasceram trabalhos mais elaborados de Abreu e Lima, um deles fez jus à pompa de General-escritor, o *Resumen Histórico*. Ele dedicou uma análise e refutação da obra de James Henderson sobre História para Santander. Depois, a pedido do próprio Santander, escreveu uma *Memória das fronteiras entre Brasil e Colômbia*, trabalho que não agradou ao cucutenho, pois tempos depois ele usou o livro para atacar Abreu e Lima afirmando que o pernambucano não havia estabelecido os limites corretos, que favorecessem a Colômbia, traindo assim a Pátria colombiana. No final da Epopeia, do poder e da vida de Bolívar, a pedido do Libertador, Abreu e Lima escreveu o *Resumen Histórico de la última dictadura del Libertador Simón Bolívar, comprobada com documentos*, para defender Bolívar das acusações de Benjamín Constant, trabalho que lhe rendeu o recebimento dos soldos atrasados e a promoção à General. Logo depois, Abreu e Lima imprimiu seu periódico *La Torre de Babel*, em *Cartagena*.

Toda a dedicação de Abreu e Lima para escrever o *Resumen Histórico* (1830), após ter acesso facilitado aos arquivos do Libertador, serviu para firmar ainda mais os laços da amizade dos dois. Bolívar decidiu lutar pelo povo da América após sua esposa, Teresa Toro, ter falecido. Mesmo assim, jurando que não se envolveria com mais nenhuma mulher, no romance de Paulo Santos Bolívar tem amantes, e uma delas, a Manuela Sáenz, foi uma paixão que seguiu com ele até o fim, nos principais momentos de sua vida, e até defendendo-o de atentados. Bolívar havia recebido o maior de todos os títulos, o de Libertador, em Mérida, no ano de 1812, e ao longo da Epopeia vê-se como ele era aclamado como um Deus, como faziam festas para dar-lhe as boas vindas quando ele passava nas nações libertas, mulheres coroavam-no, e ele tinha muitos seguidores. Apesar de ter muitos a seu favor, faltava-lhe um companheiro fiel, e isto ele encontrou em Abreu e Lima:

De amores – pois não há como falar da vida e fugir desse objeto – essa história é igualmente farta, sendo o maior de todos eles oculto e proibido. E se tudo isso ainda fora pouco, por doze anos marchei ao lado de um cabra de muito valor, de quem me orgulho de ter sido amigo e esteio, tanto na glória e bem-andança quanto na doença e no desterro. Ao lado dele pelejei – e vencemos – a guerra de libertação de metade da América do Sul, assim como travamos outra luta, ainda maior, que perdemos. Não logramos, como era nosso firme propósito, que fosse declarada a igualdade natural entre os seus povos, e os brancos, pretos, pardos e índios passassem a viver em harmonia, vendo-se uns aos outros como irmãos. (OLIVEIRA, 2012, p. 15).

No primeiro momento, Bolívar hesitou em confiar no estrangeiro, e pensava também no sistema do Brasil, e nas diferenças, ou melhor, no isolamento daquele país na América Latina. Aos poucos, Bolívar viu que o pernambucano poderia ser o amigo que ele não tinha, e no livro Abreu e Lima aparece como Secretário do Libertador, sem haver sido na vida real, por que não está comprovado pelos documentos, mas ele desenvolvia atividades escrevendo que se poderia dizer que ele foi um secretário mesmo. Com esta função, Abreu e Lima redigia e organizava as Cartas que Bolívar enviava, sobretudo, para os chefes militares trocando informações dos conflitos, e também atuava como um Conselheiro, e vemos que ele tinha boas ideias e ajudava ao Libertador quando ele estava precisando de uma solução imediata. Não era só o Libertador que gostava de conversar com ele, outros líderes também o consultavam para saber de opiniões importantes, algumas até com respostas surpreendentes.

Abreu e Lima esteve com ele em todas as fases da Revolução (guerra, reforma e organização), lutando nas batalhas, e na batalha maior de sua morte, no momento em que Bolívar queria ir para a Inglaterra, e tendo a viagem sido adiada a morte chegou primeiro. Bolívar tornou-se o ídolo de Abreu e Lima, quem sabe um segundo pai, já que teve o seu fuzilado. Era também um Mestre, a pessoa que lhe passou lições das Letras, Militares, e de vida. Abreu e Lima aparece no livro bastante tímido e ingênuo, como se estivesse aprendendo a cada batalha, e a cada texto que escrevia. A verdade era que mesmo estando formado em Capitão de Artilharia, e participando de algumas ações, Abreu e Lima ainda não tinha tido uma experiência mais pesada, como a vida nos campos de batalhas.

Se de um lado era o “cabra-macho pernambucano”, que desejava lutar a todo custo, de outro, o herói era também um romântico sonhador na Epopeia de Paulo Santos. Este foi o traço que mais distinguiu o Abreu e Lima da história para o criado na ficção, sobretudo pelo fato de não termos muitas informações sobre a vida amorosa dele, o que fez o autor usar bastante a imaginação. Das mulheres com quem Abreu e Lima teve envolvimento de alguma maneira, só a índia, a quem Paulo Santos nomeou por Inês Quispe, e a sobrinha de Bolívar, a Maria Benigna, foram personagens reais. Paulo Santos mostra-nos que com elas duas Abreu e Lima viveu intensas paixões, e a Benigna foi o maior amor da vida dele, um amor que o levou para prisão. Maria Benigna também correspondia ao sentimento do General, mas as circunstâncias proibiram

que eles fossem felizes, sobretudo pela parte da família de Benigna, com exceção do libertador que não se envolveu na causa. Abreu e Lima relembra aquele amor:

Quem era aquela que me surgia, bela como a aurora, brilhante como o sol, esplêndida como as constelações, morena e graciosa como as tendas de Cedar, os pavilhões de Salomão? [...] Ela diria, mais adiante, que me achou alvo e corado, inconfundível entre milhares; que minha cabeça era ouro puro; meu corpo, marfim lavrado; minhas pernas, colunas de alabastro; e o meu aspecto airoso como os cedros do Líbano... Ou disse algo parecido, que isso não tem a menor importância, quaisquer besteiras ditas pelos apaixonados, uns para os outros, soam tão poéticas quanto os Cânticos do filho de Davi, não é verdade? Porque apaixonados nós dois ficamos na mesma hora, antes de trocarmos sequer uma palavra. (OLIVEIRA, 2012, p. 308).

Ainda no início da Epopeia Abreu e Lima lembrava muito uma jovem que deixou em Recife, por quem esteve apaixonado. Seu envolvimento com ela era mantido de longe, pois as circunstâncias ainda não permitiam mais aproximação entre os dois. Mesmo assim, a condição de ser o herói da Epopeia no início era colocada em prova, pois Abreu e Lima dizia que queria voltar para sua terra para rever a amada, em vez de ficar ali e se tornar herói posteriormente. De todas as outras com quem Abreu e Lima se envolveu, podemos destacar Penélope, a Argentina, a bruxa e a Mirtes. Ele queria envolver-se com algumas mulheres, que cortejavam o Libertador, mas não conseguiu. Abreu e Lima atraía as moças por ser estrangeiro, por andar cheio de medalhas, e por seu romantismo, mas parecia ter nascido para atrair encrencas, como ele mesmo afirmou.

Uma das maiores questões sobre a honra do herói Abreu e Lima foi a referente à Benigna, e em dois momentos que isso aconteceu ele recuperou a honra. A primeira foi com o jornalista Antônio Leocádio Guzmán, que publicou no seu periódico *El Argos* uma nota em que repudiava o herói brasileiro no exército Bolivariano e aproveitava para falar das intenções de Abreu e Lima para com a sobrinha do Libertador. Abreu e Lima vingou-se atacando o jornalista na rua, ferindo-o fisicamente no rosto, e ganhando sentença e prisão por seis meses no Bajo Seco. O outro problema foi em recuperar a honra diante da família de Bolívar, e que no final isto aconteceu, pois Maria Antônia, quem mais implicava com o caso, enviou-lhe uma carta reconhecendo suas condições de homem e pedindo-o desculpas.

Após ter esmiuçado como o herói Abreu e Lima foi construído por Paulo Santos, e mesmo sabendo que o livro foi publicado em 2012, percebeu-se que o herói foi descrito conforme a personalidade histórica do General, dando margem a um personagem que viveu no século XIX. Se na Epopeia Bolivariana ele não apresentava a individualidade, a tragicidade em viver só, e a solidão que teve nos últimos dias de vida por ter morrido solteiro, ele inspirava toda a emoção do sentimentalismo romântico, de alguém que se entregava a paixões. De acordo com as definições de heróis abordadas por Kothe (1987, p. 55), Abreu e Lima nesta Epopeia se enquadraria no tipo de Herói Nacional, da história do povo, que personifica a alma do povo, que representa uma nação. Mas qual foi a Pátria que ele representou?

O próprio Abreu e Lima escrevera que “[...] a pátria não é apenas o lugar onde nascemos [...], pois o homem é cidadão do mundo” (OLIVEIRA, 2012, p. 444). O herói brasileiro na Epopeia Bolivariana mostrou toda a bravura do povo brasileiro, foi fiel ao Brasil em suas ideologias, no que escrevia, e na saudade em rever a casa. No entanto, como a terra era outra, ele representou várias nações sob o símbolo da Grã-Colômbia, e também soube entregar-se de corpo e alma ao espírito libertário de Simón Bolívar. Em um dos momentos da narrativa, Abreu e Lima afirmou que a Colômbia era sua Pátria, assim como também podemos considerar a Venezuela, pois foi lá onde tudo começou, onde seu nome apareceu abrindo a lista dos Generais de Brigada, e é este país hoje que tanto faz para que a memória do herói esteja preservada pelos povos dos países irmãos Brasil-Venezuela, afinal “um grande personagem nunca é patrimônio exclusivo de uma nação” (KOTHE, 1987, p. 55).

## RECONHECIMENTO AO HERÓI NACIONAL

Dessa maneira, a partir da análise da construção do herói Abreu e Lima na *Epopéia* de Paulo Santos, pode-se observar que ele foi trabalhado com base nas biografias sobre o General, e vestindo o arcabouço de um personagem que pertenceu ao século XIX. Assim, muitas das ações que foram atribuídas ao herói, que era o protagonista e narrador-testemunha da *Epopéia*, eram esperadas já que estavam pautadas no personagem real. O fato que mais separou o Abreu e Lima do histórico para o ficcional diz respeito aos seus diversos envolvimento amorosos, que mesmo não tendo fontes que comprovassem os fatos, bem poderíamos dizer que os eventos passaram na imaginação do herói humano, devido à carência por ter terminado solteiro, o que o tornou ainda mais um romântico sentimentalista no romance.

Das definições de herói propostas por Kothe, podemos dizer que Abreu e Lima nesta *Epopéia* encarna o típico Herói Nacional, que representa uma Nação, ou melhor, várias Nações, a bandeira da Grã-Colômbia. Sabendo que o herói é a peça dominante do sistema narrativo, ele também é o próprio questionamento da estrutura social, e rastreá-lo foi encontrar os ecos do sistema social das obras. Tanto na Comédia de Januário da Cunha como no romance de Paulo Santos, partir para entender o personagem Abreu e Lima foi abrir um leque para a compreensão do contexto da época, já que as duas produções estiveram bastante relacionadas à História, aos eventos políticos e ao destino de um herói.

Trabalhar com a *Rusga* permitiu trazer à tona uma obra esquecida do Romantismo Brasileiro, que é tão importante para conhecer o cenário da época em que Abreu e Lima ainda estava vivo, e afirmar que o Herói Nacional representava a Massa. Já na *Epopéia*, mais aproximada do nosso tempo, a memória do herói foi retomada, ele já havia morrido, tanto pela época, como também pela narrativa, que supomos ter sido revelada após a morte do General, pois ele mesmo afirmou que os escritos só poderiam chegar às mãos de Machado após ele partir. A construção dele no romance dá tão certo não só pelo fato do narrador rememorar evento a evento, mas por não tratar só o positivo do herói.

A própria imagem do Herói foi muitas vezes diminuída na *Epopéia*, o que prova sua humildade diante dos fatos, ora por ele mostrar-se como alguém tímido e ingênuo, que estava aprendendo tanto nas Letras como no Campo de Batalha, por ter sido ali onde tudo começou, ora

aparecendo até como um herói secundário, que respeitava a hierarquia militar. E esse fato ressaltado por Paulo Santos, de ele não ter aparecido como Herói sisudo e eminente, contribuiu para pensarmos o que aconteceu com a valorização do Herói Abreu e Lima em toda a sua vida, o amigo, o ajudante, o secretário, o militar, o romântico, aquele que pedia a proteção de Deus para seguir em frente no seu destino, o da história ou o da literatura, o que ele representa nos dias de hoje?

## BIBLIOGRAFIA

ABREU E LIMA, José Inácio de. *Apontamentos sobre a Ilha de Fernando de Noronha*. (1857). Publicado em 1890. Disponível em: <http://www.institutoabreuelima.com.br/wp-content/uploads/2011/04/Apontamentos-sobre-a-Ilha-de-Fernando-de-Noronha.pdf>. Acessado em 09/02/2013.

\_\_\_\_\_. *Bosquejo histórico, político e literário do Brasil*. Nictheroy, Typographia de Rego e Comp., 1835. Disponível em: <HTTP://www.institutoabreuelima.com.br>. Acessado em 29/04/2013.

\_\_\_\_\_. *Combate do Rodeador ou da Pedra*. (1820). Disponível em: [http://www.institutoabreuelima.com.br/?page\\_id=10](http://www.institutoabreuelima.com.br/?page_id=10). Acessado em 29/04/2013.

\_\_\_\_\_. *Resumen histórico de la última dictadura del Libertador Simón Bolívar; comprobada con documentos*. (1820). Disponível em: \* [http://www.institutoabreuelima.com.br/wp-content/uploads/2011/04/Resumen\\_Hist%C3%B3rico-de-la-%C3%9Altima-Dictadura-del-Libertador-Sim%C3%B3n-Bol%C3%ADvar-Comprobada-con-Documentos-Parte-1.pdf](http://www.institutoabreuelima.com.br/wp-content/uploads/2011/04/Resumen_Hist%C3%B3rico-de-la-%C3%9Altima-Dictadura-del-Libertador-Sim%C3%B3n-Bol%C3%ADvar-Comprobada-con-Documentos-Parte-1.pdf). Acessado em 01/05/2013. \* <http://www.institutoabreuelim.com.br/wp-content/uploads/2011/04/Resumen-Hist%C3%B3rico-de-la-%C3%9Altima-Dictadura-del-Libertador-Sim%C3%B3n-Bol%C3%ADvar-Comprobada-con-Documentos-Parte-2.pdf>. Acessado em 01/05/2013.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. Introdução e Tradução do Russo Paulo Bezerra; Prefácio à edição francesa – Tzvetan Todorov. -4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BETHELL, Leslie. (org.). *História da América Latina: da Independência a 1870*. volume III. São Paulo: Edusp, 2004.

BRUNI, Sérgio. *O mui desassossegado senhor general: A vida de José Inácio de Abreu e Lima*. Rio de Janeiro: FGV, 2010. 136p.

CANDIDO, Antonio. [et al]. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2007. (Coleção Debates); 1/ Dirigida por J. Guinsburg.

CARVALHO, Alfredo de. “O General J. I. de Abreu e Lima”. In: *Almanach de Pernambuco. Para o ano de 1903*. Dr. Júlio Pires Ferreira (Diretor). 5º Ano. Recife: Escritório da Direção.

CHACÓN, Vamireh. *Abreu e Lima, General de Bolívar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

\_\_\_\_\_. *Um herói Pan-americano: Abreu e Lima*. Revista Continente. Ano II. Nº 15/2003.

COSTA, Francisco Augusto Pereira. *Dicionário biográfico de Pernambucanos célebres*. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1982. Vol. XVI.

COUTINHO, Afrânio e Souza; J. G. de (dir.). *Enciclopédia de Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: FAE, 1990.

CUNHA, Januário da. *A Rusga da Praia Grande, ou o quixotismo do General das Massas*. Comédia em três atos e em Prosa. Rio de Janeiro. A Tipografia de Thomas B. Hunt & CO. 1834. Disponível no Setor de Obras Raras da Biblioteca da USP.

FILHO, Andrade Lima; PEREIRA, Nilo. *O Bispo e o General*. Recife: Separata da Revista do Departamento Estadual de Cultura. Ano III – Nº 8 – Dezembro –, 1973.

FRYE, Norman. *Anatomia da Crítica*. Tradução de Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Cultrix, 1957.

GAMA FILHO, Oscar. *Razão do Brasil em uma sociopsicanálise da literatura capixaba*. Rio/Vitória: José Olympio/ Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1991. p. 57-70. Disponível em: <http://www.estacaocapixaba.com.br/literatura/fortuna-critica/oscar-gama-filho-analise-da-obra-de-marcelino-duarte/>. Acessado em 15/10/2014.

GUIMARÃES, Argeu. *Um brasileiro na epopeia bolivariana (biografia do General Abreu e Lima)*. Recife: Empreza Graphico- Editora, 1926.

HUTCHEON, Linda. *Poética do Pós-Modernismo: história, teoria, ficção*; tradução Ricardo Cruz. – Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991.

JÚNIOR, Manoel Nunes Cavalcanti. *Venturas e desventuras de um presidente de província no império: o caso de Manoel de Carvalho Paes de Andrade em Pernambuco (1834-1835)*. VI Colóquio do Museu pedagógico. 28 a 30 de agosto de 2013. Páginas 1887 a 1898). Disponível

em: <http://periodicos.uesb.br/index.php/cmp/article/viewFile/3142/2840>. Acessado em 15/04/2014.

KOTHE, Flávio R. *O Herói*. São Paulo: Ática, 1987. (Série Princípios)

LEITE, Lígia Chiappini Moraes. *O foco narrativo (ou A polêmica em torno da ilusão)*. São Paulo: Ática, 1985. Série Princípios. (p. 25-70).

MAZIN, Angelo Diogo; STEDILE, Miguel Enrique. *Abreu e Lima: general das massas*. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

MOURA, Luís Cláudio Rocha Henrique. “Abreu e Lima: a política e as letras em duas Américas”. In: *Ideias de Nação na Argentina, Brasil e Chile (1830-1860): Juan Bautista Alberdi, José Inácio de Abreu e Lima, Andrés Bello*. Brasília: UnB, 2013. p. 198-221.

\_\_\_\_\_. *Abreu e Lima: uma leitura sobre o Brasil*. Brasília: UnB, 2006.

NETO, Juscelino Pereira. *A Memória Biográfica do Cônego Januário da Cunha Barbosa*. ANAIS do XV Encontro Regional de História da ANPUH-RIO. 2012. Disponível em: [http://www.encontro2012.rj.anpuh.org/resources/anais/15/1338422841\\_ARQUIVO\\_AmemoriabiograficadoconegoJanuariodaCunhaBarbosa.pdf](http://www.encontro2012.rj.anpuh.org/resources/anais/15/1338422841_ARQUIVO_AmemoriabiograficadoconegoJanuariodaCunhaBarbosa.pdf). Acessado em 15/10/2014.

OLIVEIRA, Paulo Santos. “A eterna peleja do general”. In: *Revista de História da Biblioteca Nacional*. “A morte do herói”- ascensão e queda dos mitos nacionais; Ano 6. Nº 62. Novembro, 2010.

\_\_\_\_\_. *O General das Massas: a epopeia do brasileiro Libertador das Américas*. 1º Edição. Recife: Nossa Livraria, 2012. 448p.

PAIVA, Beatriz Costa. *Sangue latino- um Herói Continental- vida e trajetória de Abreu e Lima*. Ipojuca: Prefeitura de Ipojuca, 2008.

PINTO, Estevão. *O General Abreu e Lima*. Ci. & Tróp. V. 11 n. 1. 1983.

RICOUER, Paul. *Tempo e Narrativa*; Tradução Roberto Leal Ferreira; Revisão técnica Maria da Penha Villela- Petit- Campinas, SP: Papyrus, 1997.

SOUZA, Roberto Acízelo. (Organizador). *Historiografia da Literatura Brasileira: textos fundadores (1825-1888)*, volume 1/ Organização Roberto Acízelo de Souza. 1. ed. –Rio de Janeiro: Caetés, 2014. 584 p.

**Site:**

INSTITUTO ABREU E LIMA ([www.institutoabreuelima.com.br](http://www.institutoabreuelima.com.br)).

## O TRABALHO COM ABREU E LIMA

O nome de Abreu e Lima passou rapidamente pela minha vida, ou por que falaram do Município que leva o seu nome, ou da Refinaria Nordeste, que também é chamada de Refinaria Abreu e Lima. Confesso, que assim como muitos brasileiros, eu não sabia nada de sua história, muito menos de sua obra. No entanto, esse quadro mudou quando eu comecei a estudar na UFPE, e quando o professor Juan Pablo Martín Rodrigues (do Departamento de Letras/Espanhol), que é meu orientador na UFPE, “apresentou-me” a Abreu e Lima. Inicialmente, trabalhei com alguns textos introdutórios, biografias para que eu conhecesse melhor a vida do General. Desde aquele dia dediquei-me a estudar Abreu e Lima e hoje as pesquisas estão em pleno desenvolvimento.

Comecei como bolsista do PIBIC, pela UFPE, 2012/2013, onde desenvolvi um trabalho introdutório aos estudos dos Libertadores de América. Meu trabalho consistiu em fazer um resgate da memória de Abreu e Lima. Para isso, trabalhei com biografias desenvolvendo um estudo comparativo, e procurando entender o pensamento de Abreu e Lima a cerca da Literatura Brasileira. Paralelo às atividades, passei a fazer pesquisas históricas, mesmo sem ter experiência mais técnica na área. Desenvolvi pesquisas de campo que contribuíram na reunião do *corpus* dos meus estudos, visitando a “Fundação Joaquim Nabuco”, o “Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano”, o “Arquivo Público Jordão Emerenciano”, o “Liceu Pernambucano”, entre outros. Durante as pesquisas consegui comprar livros, tirar cópias, registrar fotos, entrar em contato com estudiosos que já trabalharam com Abreu e Lima, ou que ainda trabalham (Vamireh Chacon, Paulo Santos de Oliveira, Luiz Cláudio Rocha).

No primeiro momento, como resultados do PIBIC, e como tinha de falar sobre Literatura Brasileira, trabalhei com alguns capítulos do *Bosquejo histórico, político e literário do Brasil* (1835) de Abreu e Lima, onde pude entender o pensamento dele a cerca da literatura brasileira, um texto que figura entre os fundadores da Historiografia Literária Brasileira [discussões que aprofundi recentemente com o livro organizado pelo Acízelo- *Historiografia da Literatura Brasileira: textos fundadores (1825-1888)*, volume 1/ Organização Roberto Acízelo de Souza. 1. ed. –Rio de Janeiro: Caetés, 2014. 584 p.], e que além da criação ele estava também fazendo crítica naquela época.

O pensamento de Abreu e Lima sobre a Literatura rendeu-me dois trabalhos, que apresentei em parceria com duas colegas em eventos nacionais, e em que comparei o pensamento de Abreu e Lima com as propostas de *Raízes do Brasil*, “*História e Literatura: do general ao escritor José Inácio de Abreu e Lima*” e “*História e Literatura: do general ao escritor Abreu e Lima*” apresentados respectivamente nos eventos “*V Jornada Hispânica Nacional e II Internacional*”, realizado no IFRN de 10 a 12 de dezembro de 2012, organizada por Maria Trinidad Velasco, e na “*II Semana de Hispanidad*”, realizada na UFPE dos dias 17 a 19 de dezembro de 2012, organizada pelo Prof. Dr. Alfredo Cordiviola (UFPE).

Mais adiante, desenvolvi um trabalho para apresentar no “XV Congreso Brasileño de Profesores de Español, de título “*Dos caras de la Gran Colombia: Bolívar y Abreu y Lima en el Resumen histórico de La última dictadura del Libertador Simón Bolívar*”, onde destaquei a importância desta obra escrita por Abreu e Lima, pouco conhecida para quem estuda a vida de Bolívar, e que serviu de defesa para o Libertador quando foi acusado na Europa por ter um governo Ditatorial. Sobre esta obra, procurei tratar a construção de uma identidade para Bolívar (em contraste com o Bolívar criado por Marx) e da construção do General-escritor Abreu e Lima.

Particpei também de outro evento na UFPE, sobre Cultura da América Latina, apresentando um trabalho com uma colega. Para este trabalho decidi abordar os “lugares de memória”, os monumentos em Pernambuco (especificamente em Recife e no Município Abreu e Lima), que praticamente passam despercebidos pelas pessoas, outros que ainda faltam restaurações. No Município de Abreu e Lima fotografei a entrada da Cidade, que tem uma estátua de Abreu e Lima, e o Monumento a Simón Bolívar e Abreu e Lima, na Praça São José, que foi inaugurado por Hugo Chávez em visita ao Brasil. Em Recife, fotografei o Cemitério dos Ingleses (onde Abreu e Lima está enterrado), o Monumento a Simón Bolívar e a Praça Abreu e Lima (ao lado do Cemitério dos Ingleses).

Em 2012 se deu por iniciativa de Juan Pablo a criação de um Grupo de Estudos, de nome “*Libertadores de América: Abreu e Lima e a pós-colonialidade latino-americana*”, que foi aprovado pelo CNPq, e que funciona até hoje, com reuniões periódicas e discussões sucintas num Grupo do *facebook*. Comecei um novo PIBIC, pela UFPE, 2013 e 2014, em uma perspectiva mais alargada para a análise da construção do herói. Selecionei quatro obras para trabalhar: *A Rusga da Praia Grande, ou o Quixotismo do General das Massas* (1831), *O General*

*das Massas: a epopeia do brasileiro libertador das Américas* (2012), *O mui desassossegado senhor general* (2010) e *Sangue latino- um Herói Continental- Vida e Trajetória de Abreu e Lima* (2008). Já no fim de meu curso, decidi trabalhar no meu TCC com *O General das Massas: a epopeia do brasileiro libertador das Américas* (2012), do jornalista Paulo Santos de Oliveira (quem tive a oportunidade de conhecer e de receber de presente três romances seus que tratam sobre as revoluções em Pernambuco).

Uma das principais fontes de minha pesquisa, e que segue sendo até hoje, é o site do Instituto Abreu e Lima ([www.institutoabreuelima.com.br](http://www.institutoabreuelima.com.br)), onde conta com um rico acervo das obras que Abreu e Lima escreveu. Ao entrar em contato com o Dr. Ephren Abreu e Lima e com o Prof. Dr. Fellipe de Andrade Abreu e Lima, ambos do Instituto Abreu e Lima, recebi todo o apoio para meus trabalhos, e hoje colaboro no Instituto, atuando como Diretora de Pesquisa e Membro Pesquisadora. No geral, as pesquisas sobre Abreu e Lima estão sendo desenvolvidas, e espero poder estender meus estudos ao mestrado, trabalhando com o General.

